

Manias de candidato

MARLENE GALEAZZI

BRASÍLIA — Sábado, quando Fernando Collor de Mello embarcar para a Europa, em sua bagagem estarão seus ternos novos, e um sobretudo, feitos especialmente para a ocasião. Eles foram confeccionados pelo estilista Linhares, que costura para o candidato do PRN a presidência da República desde que Collor era adolescente, morava em Brasília e tinha uma preferência declarada pelas caças estilo Saint Tropez — um corte com a cintura bem abaixo do normal. O novo guarda-roupa de Collor foi feito dentro do seu gosto atual: corte italiano, cores escuras e tecidos sofisticados, como o tropical e a casimira.

Juntamente com os ternos — cada um custou 500 cruzados novos só de feitio —, Collor levará camisas de seda e voal, gravatas e sapatos que obedecem rigidamente à combinação de cores. “Ele não precisa de viagens para fazer um guarda-roupa deste tipo”, diz Linhares. “Já é tradição em sua vida”, acrescenta. Ele garante ser Collor “um homem de extremo bom gosto, um detalhista, que renova seu estoque de ternos três a quatro vezes por ano”.

O gosto de Collor por andar sempre na moda e bem-arrumado, segundo o estilista, faz com que ele repita pouquíssimas vezes a mesma roupa. “Fernando veste um traje apenas umas cinco ou seis vezes”, revela Linhares. Collor, revela,

tem ainda outra mania: “Ele gosta de ter roupas boas à sua disposição”. E observa: “Por isso, no seu guarda-roupa sempre se podem encontrar, em perfeito estado, entre 40 e 50 ternos, a maioria em azul-marinho, sua cor preferida”.

Linhares já fez ternos para duas importantes cerimônias na vida política de Collor: quando ele tomou posse como prefeito e, posteriormente, como governador. Agora, pretende fazer a roupa para a posse como presidente. “Sei que vai ser Collor”, confia. “Por isso já estou criando uma roupa sóbria, mas jovem.” E, como não poderia deixar de ser, na cor azul-marinho, diz ele.

Apesar de Linhares — um paraibano chamado Raimundo Furtado Leite — morar em Brasília, a família Collor de Mello jamais deixou de lhe encomendar suas roupas. “Comecei atendendo o senador Arnon, depois passei para os filhos, que até hoje estão comigo”, conta. Enquanto termina de confeccionar o novo guarda-roupa, o estilista dá uma volta no tempo e, com simplicidade, afirma: “Se Collor não seguisse a política, poderia ser um bom modelo, já que desfilou, com sucesso, para Pierre Cardin”. Ele se refere à noite de 20 de agosto de 1968, quando, a pedido de Yolanda Costa e Silva, Collor desfilou roupas de Pierre Cardin nos salões do Itamaraty, ao lado de modelos profissionais que vieram da França. Uma passarela que o elegante Fernando Collor de Mello hoje prefere esquecer.



Beth Munhoz/AE

Linhares: “Fernando usa um terno cinco ou seis vezes”